

Nova marca de oleiro na Citânia de Sanfins

Por Eugenio JALHAY

(Lisboa)

Na campanha de escavações de 1949 da Citânia de Sanfins, quando se procedia á exploração da zona onde apareceram as casas marcadas na nossa planta topográfica com os números 52 a 60, colheram-se num dia nove fragmentos duma pequena vasilha de barro, de pasta parda tendendo para cor de rosa, bordo notavelmente saliente, ornado na sua face superior com cinco sulcos concêntricos em toda a volta, bojo bastante pronunciado com igual ornamentação de sulcos em número de três, mais largos e mais profundos que os do bordo, e sem asa. Um desses fragmentos, de 0,072 m. de comprimento, apresenta, estampada na sua face externa, um selo ou marca em forma de pequena moldura rectangular de 0,018 m. de comprimento por 0,01 m. de largura, contendo dentro, seis letras maiúsculas em relevo (fig. 1). Essas letras formam o genitivo PISIRI, cuja leitura é bastante fácil, tendo em conta que a primeira letra, P, semelhante a um *pi* grego, não é fechada na sua parte superior, o que aliás aparece quási sempre nas inscrições de bom século, e notando também que a terceira, S, reveste uma forma bastante esguia e estreita, e a quinta, R, se encontra um pouco achatada, pelo roce exterior do vaso.

Ao percorrer a bela noticia descritiva da Citânia de Briteiros, publicada pelo Snr. Coronel Mário Cardozo (1), reparei, a págs. 45, numa marca de oleiro aí reproduzida e proveniente das primeiras escavações de Martins Sarmiento, muito parecida com a de Sanfins. O mesmo Martins Sarmiento interpretou-a como sendo TIBIRI, e chegou a enviar esta leitura a Emilio Hübner, que a corrigiu para TIBERI (?), acrescentando contudo, além do

(1) MARIO CARDOZO, "Citânia e Sabroso", (3.^a edição), Guimarães, 1948.

ponto de interrogação, estas palavras: *Non vidi* (2). Lembrei-me então de pedir para Guimaraes uma fotografia directa do fragmento cerâmico de Briteiros, e é dessa fotografia que se extraiu fielmente o desenho que acompanha este artigo (fig. 2) (3).

Examinando com atenção a fotografia ou desenho, vê-se perfeitamente que a marca de Briteiros é uma réplica da de Sanfins, PISIRI, variando apenas na forma do *sigillum*. Em Sanfins a marca ou moldura está gravada, e as letras em relevo; na de Briteiros a moldura está em relevo, e as

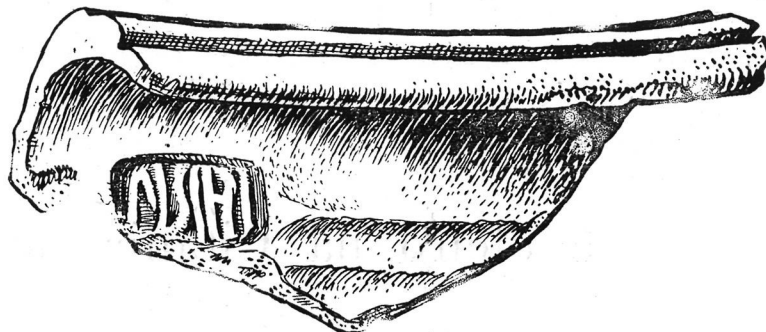


Fig. 1. — Fragmento cerâmico de Sanfins

letras é que estão gravadas. Na de Briteiros aparece também aberto o P inicial, sendo sensivelmente iguais as outras letras, com a diferença de distarem um pouco mais entre si. O tamanho também difere um pouco, pois a de Briteiros mede 0,021 m. de comprimento, isto é, uns três milímetros mais que a de Sanfins, embora a largura seja a mesma.

O aparecimento do exemplar de Sanfins veio assim facilitar a leitura do de Briteiros, rectificando as que tinham sido propostas por Martins Sarmiento e por Emilio Hübner.

Quem seria esse PISIRVS que deu ou vendeu vasos para Briteiros e Sanfins, e onde teria ele a sua oficina? Pela qualidade do barro dos dois fragmentos, nitidamente castreja, deve tratar-se muito provavelmente dum oleiro mais ou menos regional. Em todo o caso a cerâmica é de boa qualidade, e o fabrico pode dizer-se perfeito, revelando portanto uma olaria de certa importância. Acresce que o nome do fabricante é perfeitamente latino, e aparece, com relativa frequência, no onomástico da época. De Lamas de Moledo (Lamego) procede uma lápide funerária, dedicada a uma tal Gaala, filha de Pisiro, PISIRI F. (4). No museu da Sociedade Martins Sarmiento de Guimaraes guarda-se outra, proveniente de Cárquere (Rêsende), e que estava colocada na sepultura de um PISSIRVS, filho de Mebdo (5). Na própria cidade de Lamego, e portanto não muito longe da localidade onde foi encontrada a primeira lápide, apareceu "no muro do castelo" uma ins-

(2) "Corpus Inscriptionum Latinarum", vol. II, Supplementum. 6254-41.

(3) Agradeço ao Snr. Coronel Mário Cardozo a cedência amável dessa fotografia, reprodução da que foi tirada pelo próprio Martins Sarmiento.

(4) "C. I. L., II", 418.

(5) MARIO CARDOZO, "Catálogo do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmiento", I Parte; "Secção lapidar e de Escultura", Guimaraes, 1935, pág. 85.

criação, também funerária, consagrada a uma PISIRIA (6); e em Cória havia uma PISIRA, filha de Cancilo (7). Estes dois nomes são femininos, mas derivados evidentemente do masculino PISIRVS.



Fig. 2.—Fragmento cerâmico de Briteiros

Mais para o sul vamos dar, em Aramenha, com um duúnviro chamado Próculo, mas filho dum Pisiro: PROCVLO PISIRI F. (8), etc.

Exceptuando este último, os outros monumentos, se não procedem da região, propriamente dita, de Sanfins, apareceram junto à grande via de comunicação, daquele tempo, para o noroeste peninsular, que era o vale do Douro, continuação natural da do vale do Ebro. Com razão chama o Snr. Coronel Mário Cardozo a atenção para esta linha de penetração militar e civil no tempo da romanização da península (9), que pode dar bastante luz a problemas de orden arqueológica e até mesmo etnológica.

(6) "C. I. L., II", 5.252.

(7) "C. I. L., II", 772.

(8) Prof. Dr. JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, "Localização da cidade de Ammaia"; "Ethnos", I, Lisboa, 1945, pág. 5.

(9) MARIO CARDOZO, "op. cit.", pág. 49.